



FABRÍCIO CARPINEJAR

não atravesso
a rua sozinho

edelbra

1ª edição, 1ª impressão

Ilustrações: Eloar Guazzelli

Projeto gráfico: Laura Guidali Amaral

Padrões: Laura Guidali Amaral e Rodrigo F.S.

Revisão: Mônica Ballejo Canto e Renato Deitos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C298n

Carpinejar, Fabricio, 1972-

Não atravesso a rua sozinho / Fabricio Carpinejar ;

ilustrações Eloar Guazzelli. - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2013.

112 p. : il. ; 21 cm. (Vida em pedaços ; 1)

ISBN 978-85-66470-18-5

1. Crônica brasileira. I. Guazzelli, Eloar. II. Título. III.
Série.

13-04876

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-3

2013

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
ou copiada, por qualquer meio,
sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.



FABRÍCIO CARPINEJAR

não atravesso
a rua sozinho

edelbra

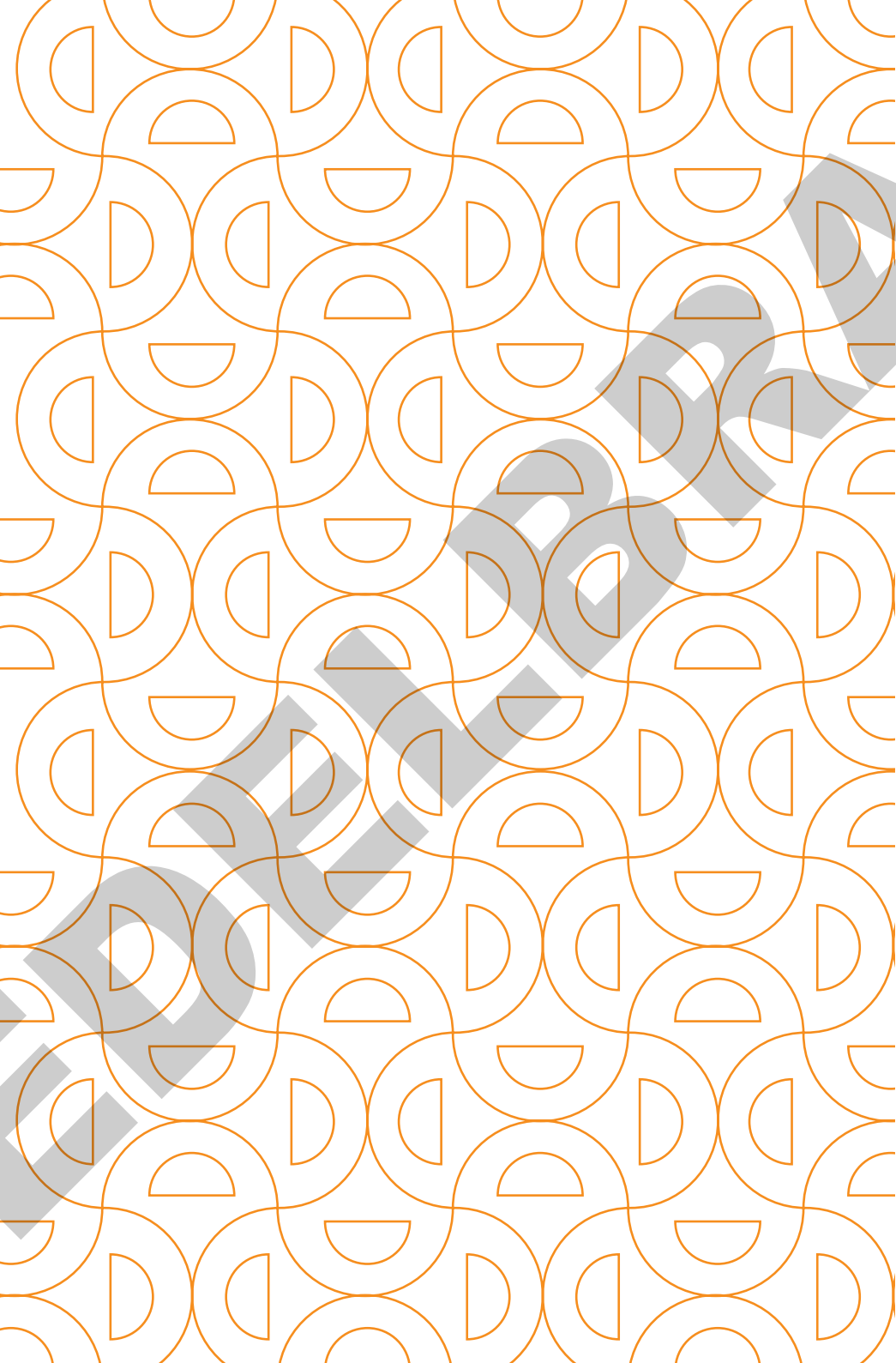
UNDELEBRA

A **Coleção Vida em Pedacos** apresenta as lembranças de infância de Fabrício Carpinejar. Nestas crônicas, os acontecimentos cotidianos ganham de volta a magia perdida com a chegada da vida adulta. Através das memórias do autor, temos acesso às nossas felicidades de criança.

UNDELEBRA

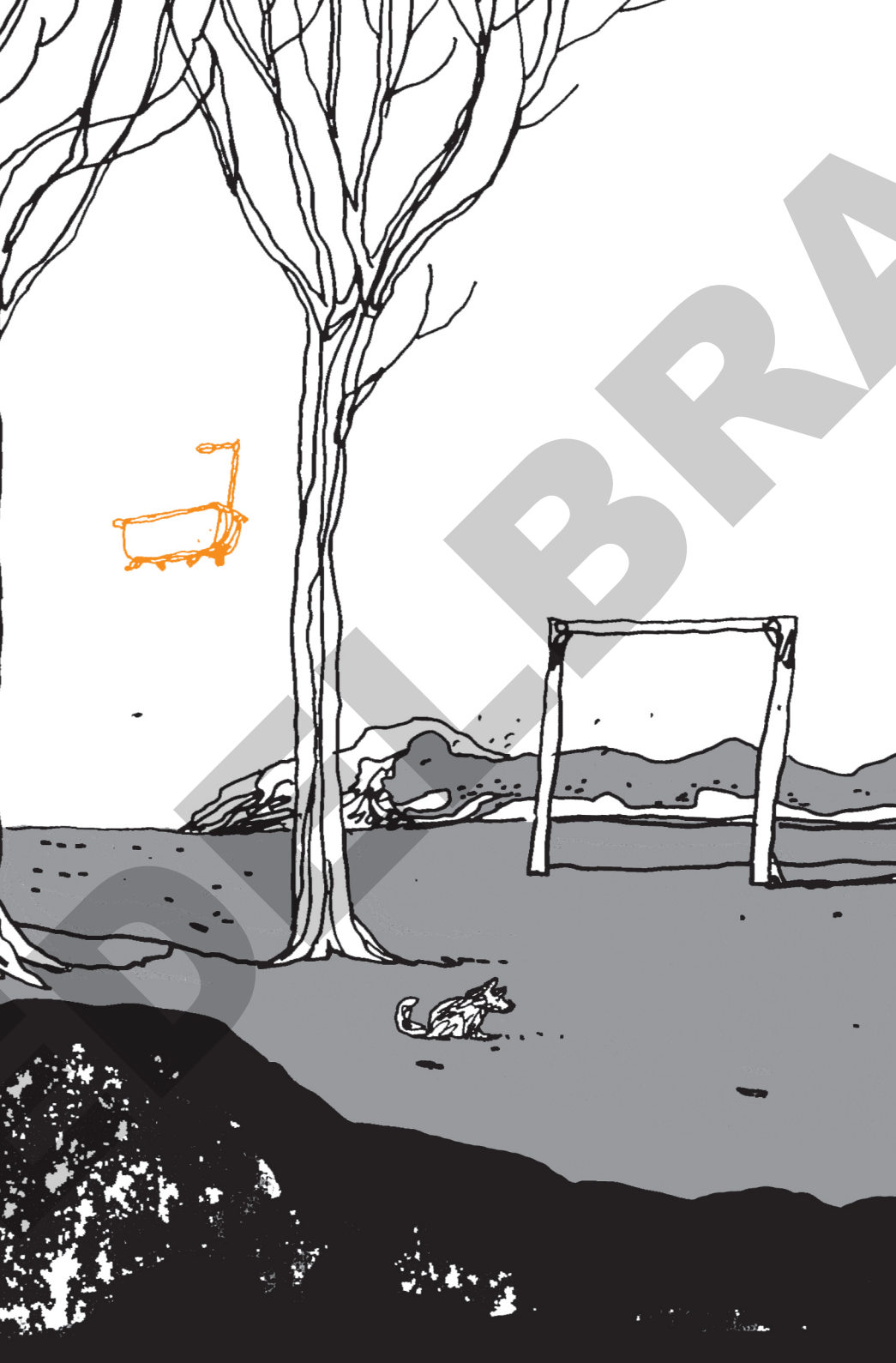
UDELBRA

*Esta é a minha biografia.
Se eu inventei, é porque
não consegui suportar a
realidade.*

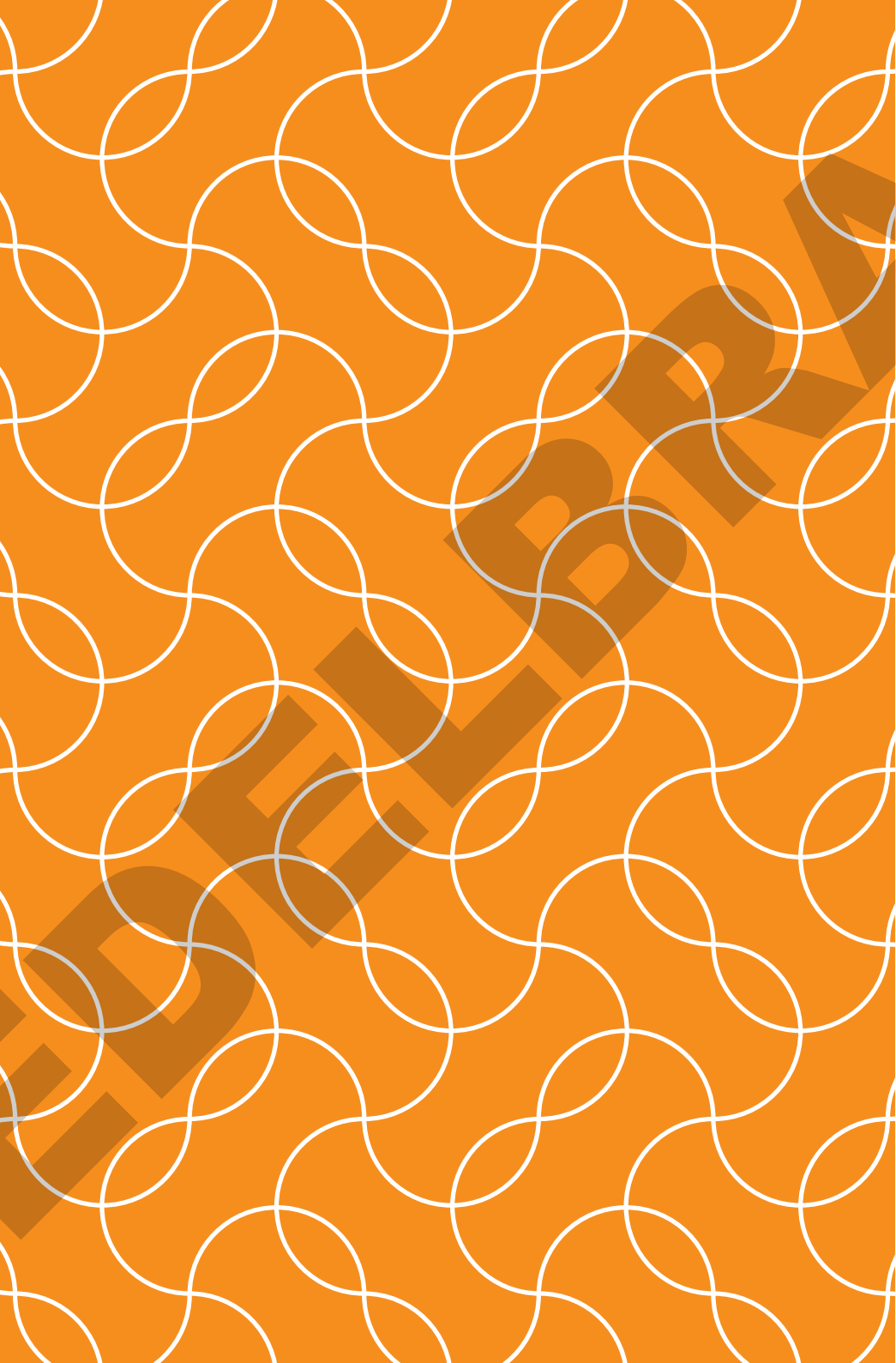


Sumário

Pré-histórico	13
Autobiografia não autorizada	19
Trocado no hospital	27
Desinventando	31
Espero meu amor com muitos bolsos	35
Eu já fui florzinha	39
Emoções de Scott	45
Ferida de lâ	49
O menino que virou água	53
Barbada	57
As patas do pátio	61
Contagem	65
Antes de mim	67
Leituras frias	73
O precipício do pecado	77
Lapso paterno	81
Sesta e galinha recheada	85
Retrato dos animais da casa	87
O sexo das sombras	91
Prendedores	93
Nove anos	95
Minha primeira namorada	97
Mendigos de família	99
Sinos de pedra	103
Pontaria	107
Fabrizio Carpinejar	111
Eloar Guazzelli	111







Pré-histórico

A televisão preto e branco aumentava os contrastes do mundo. Colocava celofane amarelo para colorir artificialmente.

Não existia controle remoto. O aparelho repousava na sala, nunca no quarto, numa estante majestosa, e não foram poucas as madrugadas em que dormíamos com o visor aceso para apagá-lo somente ao acordar.

Escolher um canal no inverno significava ser fiel a ele durante toda a noite. Faltava coragem para se levantar e girar o botão (girar, não apertar).

O rádio nos pegava pela mão, e lembro que perdia horas olhando suas válvulas acesas. Pelo cheiro de madeira abrasada, descobria que estava ligado.

Ter telefone fixo constava como luxo; orelhões cumpriam urgências. O jeito de conversar era passar na casa do amigo e ver se ele estava, e deixar recado para que ele passasse de volta na minha.

Nenhum sinal de computador, e sim da operosa máquina de escrever. O pai virava mecânico para trocar as roldanas das fitas e engraxava as unhas por três dias.

Músicas vinham do toca-discos. Havia a arte de

não arranhar os LPs ao pousar a agulha. Fui costureiro de sons.

O armazém vendia fiado e a granel. Despedia-me com o “põe na conta”. Suas portas de correr me acordavam para não chegar atrasado na aula. Os baleiros giravam cintilâncias e 7 Belo. O barulho da tampa de alumínio abriu os botões dos dentes de leite. Não encontraria cacetinhos, mas pão de 1/4 e 1/2, inteiros. Fatias cortadas pequenas para matar a fome da família. Roubava o miolo enquanto regressava das compras. Meus pais comiam as cascas.

Suco no almoço e na janta; refrigerante no fim de semana e de garrafa de vidro de um litro.

Pátio desembocava na rua. As residências tinham um muro baixo de pedra, longe de cercas elétricas, alarmes e campainhas. Batiam-se palmas para chamar os moradores. Eu habitava a calçada mais do que meu quarto, dividido com dois irmãos. Jogava pião nas lajes, amarelinha, arremessava pedras em latas.

Saía para jogar futebol e caçar terrenos baldios perfeitos para nossas peladas. Quando o futebol não acontecia no meio da rua, garagem a garagem. Carros vinham escassos e lentos. Parávamos o jogo quando ouvíamos o motor e logo continuávamos com a bagunça. Não recorro de nenhum menino atropelado.

Algumas bolas furavam debaixo dos pneus ou estrçalhando vidraças.

Hidrantes pediam esmolas. Bebíamos água nas torneiras dos outros, nenhuma solenidade para entrar, sem essa de pedir licença.

Voltava para o lar de noite, minha mãe não azedava de preocupação. Bastava que soubesse que estava com Irajá, Zé Carapuça, Liquinho, colegas da escola.

Os animais de rua terminavam adotados, nos seguiam e já providenciávamos banho e comida e eles ficavam. Tive três cães assim, sem dono como eu.

Futebol de botão movimentava os guris na sala de estar. De premiação, revezávamos uma única medalha, de meu avô da II Guerra Mundial. O broche azul e vermelho correu pelas caixas de sapatos dos guris do bairro e me dedicava a recuperá-lo no próximo campeonato.

Não andava com dinheiro, tomava carona de ônibus.

Entrava no cinema uma única vez por ano. Eu me excitava com as estátuas femininas da Igreja São Sebastião.

Joguei bolita na escola — queria que meus olhos fossem bolitas. Sacrifiquei um saco de córneas em aposta.

Álbuns eram completados com o bafo no recreio. Batia leve, fazia vento das juntas do cimento.

Sorvete ou feito em casa nas formas de gelo ou para os que recebiam mesada e frequentavam a Ilhabela e comiam o tradicional carioca (morango com chocolate) e aquela casquinha com gosto de hóstia.

Os pirralhos andavam na escola de canivete e escapulário, as formas que existiam de defesa. Quando algum se apaixonava, escrevia o nome da amada no balanço da praça.

Difícilmente senti fome, porque roubava frutas: bergamota, laranja, carambola, pitangas, amoras; dependurado no telhado.

Contava com uma roupa para festa e uma surrada para os demais dias. Não apertava minha cintura com cinto e elástico.

O velho abacateiro era o sábio das árvores, muito alto para colher seus dons. Lojas fechavam ao meio-dia.

Minha família arredondava o expediente com sextas.

Para o desespero dos seus proprietários, as lajes viviam riscadas devido à corrida de carrinhos de rolimã. Meses planejando os carros, o leme e polindo rodinhas.

Os gritos dos feirantes, dos vendedores e do amolador de facas aceleravam a precipitação das lombas.

Senhoras varriam as ruas e queimavam as folhas em montinhos nas esquinas. Fumaça e neblina ardiavam meu rosto nos entardeceres.

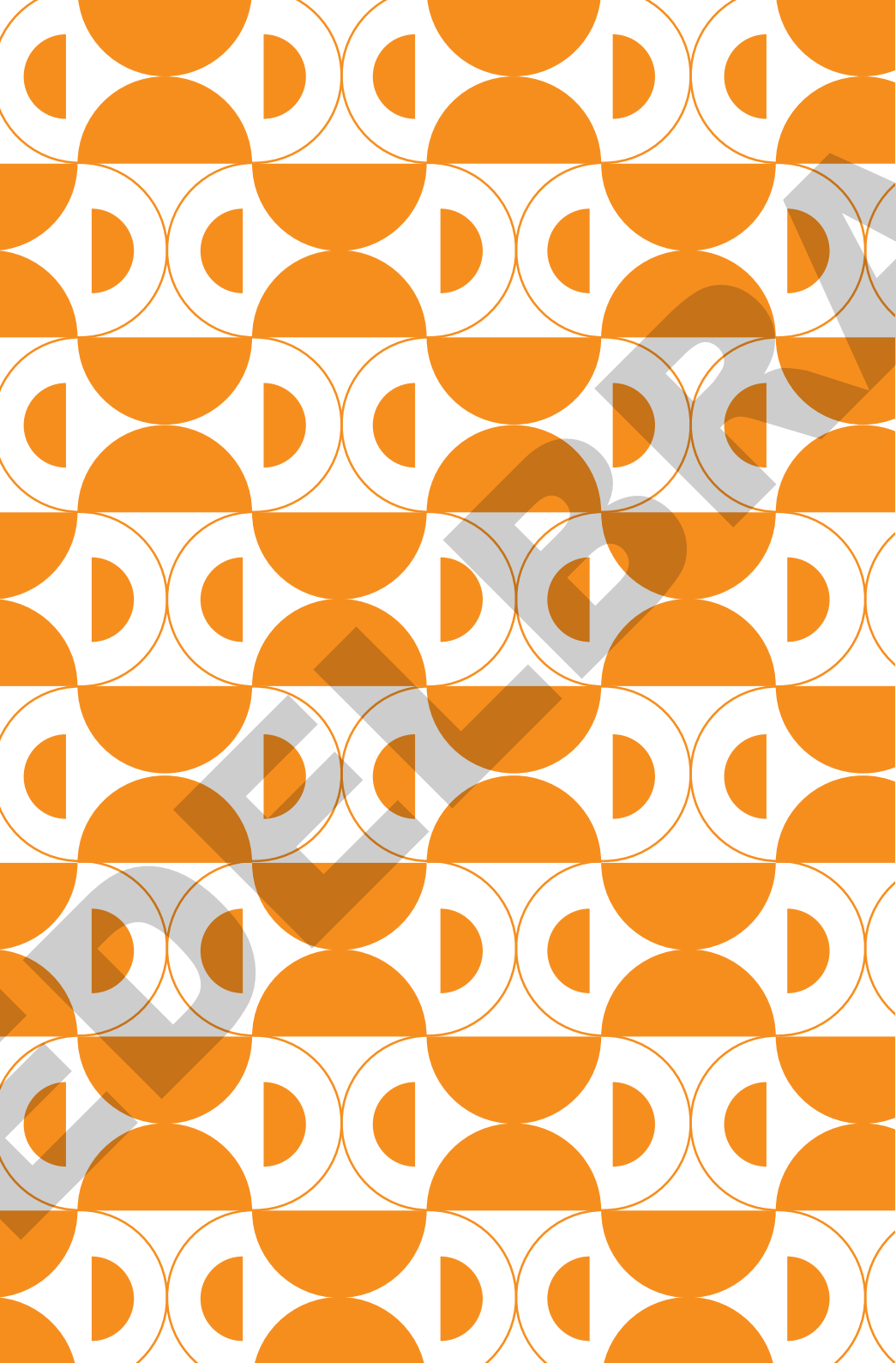
Minha infância é muito antiga.

É a explicação que encontro para a compulsão em escrever minha memória aos 40 anos. O que insinua uma precocidade demarca o desaparecimento de um tempo, que não será conhecido pelos meus netos, muito menos pelos meus filhos.

Nasci antes do mundo se ajoelhar para a tecnologia. De viver trancado em casa ou em *shopping*. Sou um jovem pré-histórico. Ancestral.

Há um abismo absurdo entre quem tem 40 anos e 25 anos. São naturais de países longínquos da memória. E nem tanto entre quem tem 40 e 60, que partilha experiências similares de formação.

Desde quando era magro, franzino e miúdo, minha infância me envelhece bem mais do que eu.



Autobiografia não autorizada

Minha biografia é um rascunho para romance. Não estarei nela.

Quando pequeno, preservava uma caixinha de sapatos com bonecos de madeira, pequenas lascas de árvore em que desenhava rostos e afiava corda. Gastava um abajur riscando fósforos nas paredes dos bonecos. Minha faca não me ensinou a assobiar, cortava as lições pela metade.

De dia, minha irmã me mandava pastar; de noite, me mandava tomar banho para me lavar da sujeira que me mandou da primeira vez.

Escrevia mais no tempo em que era analfabeto.

A infância é mais um susto do que outra coisa. O que vi em meu bairro de guri matando gato e passarinho não tem cabimento. Juntava os passarinhos mortos do bueiro com a taquara de roupas e preparava o enterro no pátio de casa. Acredito que o pátio de casa até já voou com tanto passarinho enterrado.

Não mexia nos gatos — fediam a sete mortes.

Usava as meias pretas do pai como mortinhas. Ele não encontrava seus pares na gaveta e saía combinando meia marrom com preta.

Era desajeitado demais para me sentir vivo. Uma das professoras advertiu a minha mãe de que não iria completar os estudos, que não teria condições de ler, terra viciada em capim. Só tirava NS no ditado. No final do ano letivo, uma súbita mudança. Estalei para o verbo, a partir de jogos infantis com as letras que a mãe criou. O estalo foi de osso quebrado.

Minha linguagem é manca. Como não consegui vencer meus inimigos, juntei-me a eles para rir de mim.

Não levo tudo muito a sério porque não gosto de carregar nada. Recebi os mais implacáveis apelidos na infância, aceitava, ria e tocava a respiração adiante. Não me sentia humilhado. Me antecipava às piadas sobre minha feiura e elas ficavam velhas nas bocas dos outros.

Sinto uma timidez terrível. Mas sinto medo de ser tímido para não sofrer — é o que me faz não ser tímido. O medo de ser tímido é maior do que a timidez. Sou expansivo por falta de opções.

Quando encontramos as legendas, demoramos mais para apagar as imagens. Terminei sendo um ponto-e-vírgula, não tenho coragem de terminar uma frase e muito menos certeza para começar outra.

Eu apenas me interessava por fatos que ninguém conseguia explicar. A desistência da explicação é o início do poema.

Ninguém mais se observa. Se observar com atenção alguém, saberei mais dele do que ele próprio. Pouco conservo de mim, mas não me suporto de lado.

Superei a fase de torcer pela minha desgraça. Houve um tempo em que rezava erros para contar com a desculpa de errar de novo.

O elogio da desgraça é uma forma de vaidade. Fui vaidoso de infelicidade. Cada tragédia era bem-vinda. Eu me divertia com o sofrimento. Assim desfrutava de mais histórias para narrar.

O problema da alegria: é muito lacônica, guarda o melhor para si.

A tristeza é bem mais falante, reparte o pior com todos, escandalosa como uma tia míope, que andava sem calcinhas na hora de abraçar os sobrinhos.

Não posso falar dela. Vibrava quando o ônibus vinha lotado. Podia me esfregar nas meninas sem me importar com a educação. Não me esqueço da menina que disse que ficou grávida de pé no ônibus. Depois disso, tomei cuidado até com a roleta.

O mesmo aconteceu quando me informaram que o peixe tem uma bexiga natatória. Nunca mais comi peixe, pensando que ele nadava em seu mijo.

É engraçado quando escuto que um casal se apaixonou pelo destino. O casal não fala que se separou pelo destino. Quem vai pelo destino volta por outra rua. Não há uma consciência em nós que sabe tudo, mas que ela mente, mente mais do que as verdades.

Vou a um estádio de futebol para ficar sozinho.

Alcançar objetivos me dá sono. Como deixar as camisinhas no bolso da calça e perceber ao estender as roupas.

O que levamos do mundo não significa que conhecemos. Convenci-me de que era um gênio incompreendido, em seguida botei na cabeça que era um tolo incompreendido e, ao final, me satisfazia em ser apenas um tolo. Ao menos, venho me reduzindo ao essencial.

Nunca tive dezoito anos — isso posso afirmar com segurança. A adolescência é morar ilegalmente no corpo.

A realidade anda tão irreal que prefiro negá-la para não ser considerado louco.

O pressentimento pesa.

A impaciência me salvou de enlouquecer.

Não esperei o final de minhas ideias para me concluir.

A liberdade e a felicidade são antagônicas.

Eu fui mais feliz preso a uma mulher do que longe dela.

O mundo pode ser dividido entre os que concordam rápido e os que discordam igualmente rápido.

Meu avô patenteou óculos para os ouvidos — morreu cego.

Há sinais que queimam em segredo.

Tinha uma namorada que reencontrei madura e não a reconheci. Eu sabia seu sobrenome pela pinta perto da boca. Ela tirou a pinta e não havia mais nada a conversar. Eu amava sua pinta mais do que sua boca. Ficou desdentada de pinta.

Meu esquecimento não é um objeto de interpretação. Um dos cheiros que não quero perder é o do braço da avó. O cheiro de sua velhice. Figos em calda. Pele macia, como se não houvesse mais veia esticando o sangue. Cadeira de balanço não precisa de almofada, essa era minha vó.

Não dependi de bigode para mostrar que cresci. Não fiz a crisma para não chegar tão rápido na extrema-unção.

Emprego a sobriedade somente para pedir um café.

Rumino o que as pessoas umedecem, como uma esponja.

Humedecer é melhor do que umedecer e demora mais para secar.

Ser o que não sou é também continuar sendo.

Desejo ser mais boato do que notícia. O boato exagera, a notícia omite.

Aquilo que uma mulher ou um homem imaginaram também existiu. O que imaginamos também é biografia. Se eu não confesso um amor, não significa que ele não ocorreu, porque ele me fez existir.

Não uso relógio. Relógio é perigoso por dentro, serve para montar explosivos, com peças miúdas cheias de contraindicações.

Estou atrasado se não encontro determinado passageiro ao meu lado no banco do metrô.

Fui funcionário público e me cansei de fingir que trabalhava. Meu rosto virou uma praça sem brinquedos. Corto a vegetação alta a cada dois meses.

•

Como asmático, me afogo quando não nado.

A única saída de emergência ao poema continua sendo a morte, não a gaveta.

Minha unha é marcador de página.

Conheci gente que se excitava com uma mera lambida de seu cachorro, mas não dou nomes.

Os girassóis se comovem cedo demais.

Minha pureza ficou com as putas.

Abro a janela do carro para me despentear dos dois lados.

O beco é o cotovelo do bairro. Um bairro sem beco teve seu braço amputado e ficou com mão única.

Eu me encosto para germinar ombros.

As dunas não viram o mar.

Excesso de luz dói mais do que excesso de escuro.

Não renuncio de brincar mesmo quando estou trabalhando, pois a seriedade facilita a angústia. Não há vagas nas horas.

Quando morrer, espero que seja tarde para morrer.

Fabício Carpinejar

Fabício Carpinejar acredita que a vida é feita para os corajosos. E que uma palavra na hora certa pode decidir caminhos. O autor nasceu em 1972, em Caxias do Sul (RS), e atualmente está radicado em Porto Alegre (RS), onde mora com a mulher Katy e os filhos Vicente e Mariana. Poeta, cronista, jornalista e professor, publicou 24 livros ao longo de quinze anos de literatura. Atua como apresentador da TV Gazeta e da TVCOM, colunista das revistas *Isto É Gente* e *Pais & Filhos*, jornal *Zero Hora* e comentarista da Rádio Gaúcha. Ganhou vários prêmios, entre eles: duas vezes o Jabuti, edições 2009 e 2012, o de melhor livro infantojuvenil da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), em 2012, e o Olavo Bilac 2003, da Academia Brasileira de Letras.

Eloar Guazzelli

Nasceu em 1962, em Vacaria (RS). É ilustrador, quadrinista, diretor de arte para cinema e professor. Foi premiado em salões, como o Yomiuri International Cartoon Contest (1991), no Japão. Ficou em primeiro lugar na 2ª Bienal Internacional de Quadrinhos, além de premiações em festivais de cinema e humor no Brasil e no exterior.

Coleção Vida em Pedacos

“Os gritos dos feirantes, dos vendedores e do amolador de facas aceleravam a precipitação das lombas.

Senhoras varriam as ruas e queimavam as folhas em montinhos nas esquinas. Fumaça e neblina ardiam meu rosto nos entardeceres.

Minha infância é muito antiga.

É a explicação que encontro para a compulsão em escrever minha memória aos 40 anos. O que insinua uma precocidade demarca o desaparecimento de um tempo, que não será conhecido pelos meus netos, muito menos pelos meus filhos.”



Ilustrações ELOAR GUAZZELLI

edelbra

